



COLEÇÃO CINEMA ESTRONHO
VOLUME 4

TODOS OS DIREITOS DA OBRA RESERVADOS A CÉSAR ALMEIDA

AUTOR

César Almeida

REVISÃO

Celly Borges

FOTOGRAFIAS DE CAPA E QUARTA-CAPA

Oleg Koslov e Arman Zhenikeyev

PROJETO GRÁFICO

Página 42/Marcelo Amado

EDITOR RESPONSÁVEL

Marcelo Amado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Almeida, César;

Cemitério Perdido dos Filmes B: Redux
... - São José dos Pinhais, PR: Página 42 Editora/Estronho,
2014. 304 pg.

ISBN: 978-85-64590-76-2

1. Ensaio Brasileiro. I. Almeida, César

CDD-B869.4

índice para catálogo sistemático:

1. Ensaio Brasileiro. CDD-B869.4

**Todos os direitos desta edição reservados à
Página 42 Editora / Estronho
São José dos Pinhais - Paraná - Brasil**

www.editora.estrinho.com.br

Facebook: www.facebook.com/EditoraPagina42

Twitter: [@Pagina42_Ed](https://twitter.com/Pagina42_Ed)

CEMITÉRIO PERDIDO DOS FILMES

REDUX

CÉSAR ALMEIDA

COLEÇÃO CINEMA ESTRONHO

EDITORA ESTRONHO · 2014
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS, PR



PETER CUSHING EM "FRANKENSTEIN CREATED WOMAN" (1967)

**ESTA É UMA VERSÃO DE
DEGUSTAÇÃO (em baixa resolução)
CONTENDO O SUMÁRIO, PREFÁCIO,
INTRODUÇÃO E OS CINCO
PRIMEIROS FILMES ABORDADOS.**

EDITORA ESTRONHO

www.lojaestronho.com.br

www.estronho.com.br/blog



JANE FONDA EM BARBARELLA (1968)

ÍNDICE

- 11 PREFÁCIO: A VALOROSA ARTE DA EXUMAÇÃO CINÉFILA, por Carlos Prinati
- 15 INTRODUÇÃO
- 18 ZUMBI BRANCO (White zombie, 1932)
- 22 A MORTA VIVA (I walked with a zombie, 1943)
- 24 O TÚMULO VAZIO (The body snatcher, 1945)
- 26 O MONSTRO DO ÁRTICO / O ENIGMA DO OUTRO MUNDO (The thing from another world, 1951)
- 28 A MALDIÇÃO DE FRANKENSTEIN (The curse of Frankenstein, 1957)
- 30 O MONSTRO MARINHO (The saga of the viking women and their voyage to the waters of the great sea serpent, 1957)
- 32 O VAMPIRO DA NOITE (Dracula/Horror of Fracula, 1958)
- 34 A VINGANÇA DE FRANKENSTEIN (The revenge of Frankenstein, 1958)
- 36 O ATAQUE DAS SANGUESSUGAS GIGANTES (Attack of the giant leeches, 1959)
- 38 A BESTA DA CAVERNA ASSOMBRADA (Beast from haunted cave, 1959)
- 40 FORÇA DIABÓLICA (The tingler, 1959)
- 42 A MÚMIA (The mummy, 1959)
- 44 HORROR HOTEL (City of the dead, 1960)
- 46 A MÁSCARA DE SATÃ (La maschera del demonio / Black sabbath, 1960)
- 48 AS NOIVAS DO VAMPIRO (Brides of Dracula, 1960)
- 50 A PRIMEIRA ESPAÇONAVE EM VÊNUS (Der schweigende stern / First spaceship on Venus, 1960)
- 52 O SOLAR MALDITO / A QUEDA DA CASA DE USHER (House of Usher / The fall of the House of Usher, 1960)
- 54 HÉRCULES NO CENTRO DA TERRA (Ercole al centro della Terra/Hercules in the haunted world, 1961)
- 56 RÔMULO E REMO (Romulus et Remus / Duel of the Titans, 1961)
- 58 CARNIVAL OF SOULS (Idem, 1962)
- 60 O CÉREBRO QUE NÃO QUERIA MORRER (The brain that wouldn't die, 1962)
- 62 MURALHAS DO PAVOR (Tales of terror, 1962)
- 64 BLACK SABBATH - AS TRÊS MÁSCARAS DO TERROR (I tre volti della paura / Black Sabbath, 1963)
- 66 O CASTELO ASSOMBRADO (The haunted palace, 1963)
- 68 O CORVO (The Raven, 1963)
- 70 SOMBRAS DO TERROR (The terror, 1963)
- 72 FARSA TRÁGICA (The comedy of terrors, 1964)
- 74 A GÓRGONA (The Gorgon, 1964)
- 76 LORNA (Idem, 1964)
- 78 A MALDIÇÃO DA MÚMIA (The curse of the mummy's tomb, 1964)
- 80 MANÍACOS (Two-thousand maniacs!, 1964)
- 82 MORTOS QUE MATAM (The last man on Earth / l'ultimo uomo della Terra, 1964)
- 84 FASTER, PUSSYCAT! KILL! KILL! (Idem, 1965)
- 86 O PLANETA DOS VAMPIROS (Terrore nello spazio / Planet of the vampires, 1965)
- 88 A VINGANÇA DO PISTOLEIRO (Ride in the whirlwind, 1965)
- 90 OS ANJOS SELVAGENS (The wild angels, 1966)
- 92 EPIDEMIA DE ZUMBIS (the plague of the zombies, 1966)

- 94 ANJOS DO INFERNO (Devil's angels, 1967)
- 96 DEMÔNIOS SOBRE RODAS (Hell's angels on wheels, 1967)
- 98 DISPARO PARA MATAR (The shooting, 1967)
- 100 DJANGO VEM PARA MATAR (Se sei vivo spara / Django Kill!, 1967)
- 102 FRANKENSTEIN CRIOU A MULHER (Frankenstein created woman, 1967)
- 104 HERDEIROS DO MEDO (The shuttered room, 1967)
- 106 MARAT/SADE (The persecution and assassination of Jean-Paul Marat as performed by the inmates of the asylum of charenton under the direction of the Marquis de Sade, 1967)
- 108 A MORTALHA DA MÚMIA (The mummy's shroud, 1967)
- 110 UMA SEPULTURA PARA A ETERNIDADE (Quatermass and the pit, 1967)
- 112 VIAGEM AO MUNDO DA ALUCINAÇÃO (The trip, 1967)
- 114 BARBARELLA (Idem, 1968)
- 116 A NOITE DOS MORTOS-VIVOS (Night of the living dead, 1968)
- 118 PERIGO: DIABOLIK (Diabolik / Danger: Diabolik, 1968)
- 120 THE SAVAGE SEVEN (Idem, 1968)
- 122 VIXEN (Idem, 1968)
- 124 CINCO PARA O INFERNO (5 per l'inferno / five for hell, 1969)
- 126 COMBATE! (Il dito nella piaga / Salt in the wound, 1969)
- 128 DJANGO - O BASTARDO (Django, il bastardo / The stranger's gundown, 1969)
- 130 O ESPIAÇO ASSASSINO (La porta del cannone / Thunder from the west, 1969)
- 132 FRANKENSTEIN TEM QUE SER DESTRUÍDO (Frankenstein must be destroyed, 1969)
- 134 HELL'S ANGELS '69" (Idem, 1969)
- 136 O INSACIÁVEL MARQUÊS DE SADE (De Sade, 1969)
- 138 IO, EMMANUELLE (Idem, 1969)
- 140 SÁDICOS DE SATÃ (Satan's sadists, 1969)
- 142 SANTUÁRIO MORTAL (Marquis de Sade: Justine / Deadly's sanctuary, 1969)
- 144 SEM DESTINO (Easy rider, 1969)
- 146 VENUS IN FURS (Paroxismus, 1969)
- 148 CARMILLA / OS AMANTES VAMPIROS (The vampire lovers, 1970)
- 150 OS CINCO DE CHICAGO (Bloody mama, 1970)
- 152 OS CINCO GUERRILHEIROS (The losers / Nam's Angels, 1970)
- 154 DE VOLTA AO VALE DAS BONECAS (Beyond the valley of the dolls, 1970)
- 156 ICH, EIN GROUPIE (Idem, 1970)
- 158 MATÁ-LO (Mátalo!, 1970)
- 160 O PÁSSARO DAS PLUMAS DE CRISTAL (L'uccello dalle piume di cristallo / The bird with the crystal plumage, 1970)
- 162 POLÍCIA PROFISSIONAL / O CHEFÃO (Un condé / L'uomo venuto da Chicago, 1970)
- 164 REBELDIA VIOLENTA (The rebel rousers, 1967/1970)
- 166 BLINDMAN, O JUSTICEIRO CEGO (Blindman / Il Ciego, 1971)
- 168 CONFISSÕES DE UM COMISSÁRIO DE POLÍCIA (Confessione di um commissario di polizia al procuratore della repubblica, 1971)
- 170 ESCRAVAS DO DESEJO (Les lèvres rouges / Daughters of darkness, 1971)
- 172 O IMPORTANTE É VENCER (The hard ride, 1971)
- 174 O MÉDICO E A IRMÃ MONSTRO (Dr. Jekyll ans sister Hyde, 1971)
- 176 MOMENTOS DE DESESPERO (Gli occhi freddi della paura / The cold eyes of fear, 1971)
- 178 A MULHER DE FRANKENSTEIN (La figlia di Frankenstein / Lady Frankenstein, 1971)
- 180 LA NOCHE DEL TERROR CIEGO (Idem / Tombs of the blind dead, 1971)

- 182 PISTOLEIRO SEM DESTINO (the hired hand, 1971)
- 184 SANGUE NO SARCÓFAGO DA MÚMIA (Blood from the mummy's tomb, 1971)
- 186 SHAFT - O FILME (Shaft, 1971)
- 188 O SORO MALDITO (I, Monster, 1971)
- 190 SWEET SWEETBACK'S BAADASSSSS SONG (Idem, 1971)
- 192 VAMPYROS LESBOS (Idem, 1971)
- 194 VIAJANTES SELVAGENS (The wild riders, 1971)
- 196 FRITZ, THE CAT (Idem, 1972)
- 198 LA FURIA DEL HOMBRE LOBO (Idem, 1972)
- 200 LA NOTTE DEI DIAVOLI (Night of the devils, 1972)
- 202 1931 - NEW YORK VIOLENTA (Piazza pulita / Pete, Pearl and The Pole, 1972)
- 204 BABA YAGA (Idem, 1973)
- 206 O CASTELO DO DRÁCULA (Il plenilunio delle vergini / the devil's wedding night, 1973)
- 208 CONEXÃO MARSELHA / A POLÍCIA INCRIMINA, A LEI ABSOLVE (La polizia incrimina la legge assolve / The Marseilles connection, 1973)
- 210 O CONSELHEIRO DO PODEROSO CHEFÃO (La legge della Camorra / The godfather's advisor, 1973)
- 212 DILLINGER - INIMIGO PÚBLICO Nº 1 (Dillinger, 1973)
- 214 EXPRESSO DO HORROR (Horror express, 1973)
- 216 O RETORNO DOS MORTOS-VIVOS (El ataque de los muertos sin ojos / The return of the blind dead, 1973)
- 218 BORSALINO & CO. (Borsalino and Co., 1974)
- 220 EL BUQUE MALDITO (Idem / Horror of the zombies, 1974)
- 222 CAPTAIN KRONOS - VAMPIRE HUNTER (Idem, 1974)
- 224 EMMANUELLE (Idem, 1974)
- 226 FRANKENSTEIN AND THE MONSTER FROM HELL (Idem, 1974)
- 228 GALO DE BRIGA (Cockfighter, 1974)
- 230 LANCELOT DO LAGO (Lancelot du lac, 1974)
- 232 THRILLER, A CRUEL PICTURE (Thriller - en grym film, 1974)
- 234 TRAGAM-ME A CABEÇA DE ALFREDO GARCIA (Bring me the head of Alfredo Garcia, 1974)
- 236 VAMPYRES, AS FILHAS DE DRÁCULA (Vampyres, 1974)
- 238 O VINGADOR ANÔNIMO (Il cittadino si ribella / the anonymous avenger, 1974)
- 240 ZUMBI 3 (No programar el sueño de los muertos / Let sleeping corpses lie, 1974)
- 242 CORRIDA COM O DIABO (Race with the devil, 1975)
- 244 A CRUZ DO DIABO (La cruz del diablo, 1975)
- 246 ILSA, A GUARDIÃ PERVERSA DA SS (Ilsa, she wolf of the SS, 1975)
- 248 LA NOCHE DE LAS GAVIOTAS (Idem / Night of the seagulls, 1975)
- 250 PRELÚDIO PARA MATAR (Profondo rosso / Deep red, 1975)
- 252 OS QUATRO DO APOCALIPSE (I quattro dell'apocalisse / Four of the apocalypse, 1975)
- 254 ROMA VIOLENTA (Idem / Violent Rome, 1975)
- 256 GESTAPO - ESQUADRÃO DA TORTURA (Le deportate della sezione speciale SS / Deported women of the SS special section, 1976)
- 258 O PISTOLEIRO E OS BÁRBAROS (Get mean, 1976)
- 260 CALÍGULA REENCARNADO COMO HITLER (L'ultima orgia del III Reich / Caligula reincarnated as Hitler, 1977)
- 262 CARTAS DE AMOR DE UMA FREIRA PORTUGUESA (Die liebesbriefe einer portugiesischen nonne / Love letters of a portuguese nun, 1977)



- 264 GAROTAS DA SS (Casa privata per le SS / SS Girls)
- 266 ILSA, A TIGRESA DA SIBÉRIA (Ilsa, the tigress of Siberia, 1977)
- 268 A VOLTA DO PISTOLEIRO (China 9, Liberty 37 / Amore, piombo e furore, 1978)
- 270 A ILHA DOS HOMENS PEIXE (L'isola degli uomini pesce / Island of the fishermen, 1979)
- 272 ZOMBIE, O RETORNO DOS MORTOS (Zombi 2 / Zombie, 1979)
- 274 APOCALYPSE 2 (L'ultimo cacciatore / The last hunter, 1980)
- 276 COMIN' AT YA' (Yendo hacia tí, 1981)
- 278 A MALDIÇÃO DO PÂNTANO / O MONSTRO DO PÂNTANO (Swamp thing, 1982)

282 BIBLIOGRAFIA

284 SITES CONSULTADOS

286 ÍNDICE ONOMÁSTICO: PERSONALIDADES (atores, diretores, produtores, roteiristas e escritores)

PREFÁCIO: A VALOROSA ARTE DA EXUMAÇÃO CINÉFILA

Filmes morrem.

Filmes desaparecem, são esquecidos, destruídos, perdidos. O cinema – o processo mecânico inventado para capturar e projetar imagens em movimento – perpetuou famosos e anônimos em celuloide, respondendo ao anseio (quase milagroso, ou talvez pecaminoso) do Homem em tornar-se eterno. Mas o produto cinematográfico é matéria orgânica, perecível, quase tão mortal quanto a carne e o sangue. Com o passar do tempo descobrimos que o filme envelhece, ganha rugas, sofre cortes e amputações. Degenera-se.

Uma quantidade ínfima de filmes do período silencioso sobreviveu até os nossos dias. Mais da metade dos 550 filmes realizados pelo pioneiro francês Georges Méliès (1861-1938) estão perdidos, muitos deles queimados pelo próprio cineasta em sua velhice, revoltado e deprimido com sua condição de gênio esquecido ainda em vida. Inventor do cinema fantástico, com seus mundos imaginários de aventura, fantasia, ficção científica e horror, Méliès deixou obras que ainda têm o poder de maravilhar um século depois de terem sido projetadas pela primeira vez; porém, é apenas uma fração de tudo que ele realizou, e é impossível avaliar o tamanho do prejuízo intelectual, cultural e histórico do que se perdeu. Mesmo grandes mestres do cinema fizeram filmes que, ao que tudo indica, nunca mais serão vistos: Charlie Chaplin (*Her Friend the Bandit*, de 1914, curta da produtora Keystone), Fritz Lang (*Halbblut*, de 1919, sua estreia no cinema), F.W. Murnau (*Der Januskopf*, de 1920, baseado na história de Jekyll e Hyde) e Alfred Hitchcock (*The Mountain Eagle*, de 1926, seu segundo longa).

A relação dos filmes perdidos mais procurados por cinéfilos e historiadores é de partir o coração. Inclui obras de relevância histórica como *The Werewolf* (1913), o primeiro curta de lobisomem; *A Study in Scarlet* (1914), o primeiro filme britânico com Sherlock Holmes; *Cleopatra* (1917), o grandioso épico produzido pela Fox e estrelado pela exótica Theda Bara; *The First Men in the Moon* (1919), a primeira adaptação para as telas do livro de H.G. Wells; *Drakula Halala* (1921), filme húngaro que teria sido a primeira adaptação cinematográfica do livro *Drácula*, um ano antes de *Nosferatu*; e *London After Midnight* (1927), protagonizado pelo pioneiro das caracterizações monstruosas, Lon Chaney.

O gênero do horror no cinema brasileiro, no qual mesmo alguns dos filmes essenciais são de difícil acesso ao público, também tem suas lacunas que aparentemente jamais serão preenchidas: filmes como *Phobus*, *Ministro do Diabo* (1965), *O Macabro Dr. Scivano* (1971) e *A Deusa de Mármore: Escrava do Diabo* (1978) hoje poderiam ser reputados como clássicos do gênero, porém ficaram relegados apenas a referências vagas e inconclusivas em jornais velhos ou enciclopédias de cinema nacional; deles não restaram cópias nem sequer em museus ou cinematecas.

Mas precisamos falar dos vivos.

Hoje, diante da facilidade de acesso, com um mínimo de esforço, a dezenas de milhares (ou talvez ainda mais...) de títulos, criou-se a falsa impressão, principalmente entre os cinéfilos mais jovens, de que os filmes sempre estiveram e sempre estarão ao alcance da mão,

para serem assistidos, apreciados, estudados e analisados. O que nem todo mundo se dá conta é que muitas dessas obras que maravilham, assombram e encantam as novas plateias foram praticamente “ressuscitadas” por pesquisadores, colecionadores e cinéfilos. Muito provavelmente, graças ao formato digital, resgatou-se mais filmes dos períodos mudo e clássico nos últimos quinze anos do que nas seis ou sete décadas anteriores. Em outras palavras, hoje qualquer um tem acesso a mais filmes do Expressionismo Alemão do que um estudioso dedicado ao tema tinha na década de 1940, por exemplo. Numa visita rápida ao supermercado, você pode encontrar um DVD, com algum filme que já foi considerado raro, a preço popular.

Muitos filmes que durante décadas foram considerados perdidos ressurgiram em cópias completas nos últimos anos. O curta-metragem *Frankenstein*, produzido pela companhia de Thomas A. Edison em 1910, a versão hispânica de *Drácula*, filmada em 1931 pelo estúdio Universal, simultaneamente ao clássico com Bela Lugosi, ou a exuberante ficção científica dinamarquesa *Himmelskibet*, feita em 1918, são apenas alguns exemplos de filmes que viveram no limbo durante décadas e voltaram à luz por meio de operações de restauro.

Mas nem todo trabalho de pesquisa e resgate do patrimônio cinematográfico acontece dentro de institutos e cinematecas. Muito pelo contrário: boa parte da arqueologia cinéfila se desenrolou nos corredores mais empoeirados das locadoras de vídeo. Quem viveu o auge da era do VHS, em plena explosão do *home video* e toda a extravagância que o formato trouxe junto com a novidade, sabe muito bem o que é isso. Quem nunca sujou as mãos pegando em fitas obscuras que ficavam meses ou até anos esquecidas nas prateleiras das locadoras, não conhece o prazer de desenterrar uma pepita desconhecida. A cinefilia, nos idos dos anos 1980 e 90, passava obrigatoriamente em levar para casa uma penca de vídeos sobre os quais pouco ou nada se sabia, mas que chamavam a atenção pela arte da capinha, algum nome cultuado no elenco, um diretor maldito ou pela sinopse absurda. Quando ainda não havia IMDb para trazer todas as respostas fáceis, a única solução era recorrer a guias e livros importados; *The Psychotronic Encyclopedia of Film*, de Michael Weldon, de preferência, se o seu gosto fílmico era pelo pouco convencional.

O escritor porto-alegrense Cesar Almeida é um desses arqueólogos do cinema que não medem esforços para encontrar aquele filme raro, ou a cópia mais completa, restaurada, com o áudio original ou na proporção de tela correta. É a cinefilia à moda antiga, apaixonada, de quem sempre surge com alguma história de ter gastado um valor exorbitante por um filme importado que parecia inacessível; aquele impulso irresistível que hoje quase causa arrependimento – *quase*. Somente quem já saiu à caça de “filmes perdidos” é capaz de entender porque *a perseguição é melhor do que a captura*. E quando o assunto são filmes B – que, neste caso, são aqueles filmes que pelos motivos mais absurdos foram forçados a viver à margem do cinema “sério”, “oficial” ou “relevante” – aí sim estamos diante de um universo tão encantador quanto misterioso. São os chamados “filmes de gênero”: horror, suspense, ficção científica, espionagem, faroeste, policial; porém sem apostar no óbvio, e sim se infiltrando nos subgêneros que apelam ainda mais fundo aos sentidos – *giallo*, *spaghetti western*, *sexploitation*, *naziplotation*, *blaxploitation*.

Somente quem conhece profundamente este universo fantástico do filme B é capaz de escrever com propriedade sobre títulos como *O Ataque das Sanguessugas Gigantes*, *Sombras do Terror*, *De Volta ao Vale das Bonecas*, *Ilsa, a Guardiã Perversa da SS*, *Calígula Reencarnado*

como *Hitler* e *A Ilha dos Homens-Peixe*. Estes são apenas alguns dos mais de cem filmes abordados neste volume, construindo um panorama irresistível de um cinema que merece sempre ser (re)descoberto. Se hoje estes filmes estão disponíveis, houve uma época em que eram itens para privilegiados, nada além de títulos citados por especialistas, descritos como algo tão sensacional que parecia mentira que foram mesmo feitos.

O cemitério administrado por César Almeida devolve à vida esses filmes que nunca frequentarão as listas de “melhores de todos os tempos”, mas que cada vez mais contam uma história que é tão grande quanto a dos clássicos consagrados. Um mosaico que se amplia a cada revisão, demonstrando que a historiografia do cinema mundial está longe da completude. E cada um desses filmes foi salvo do esquecimento para ganhar uma sobrevida na era digital, ficando acessível a todos.

A geração do *download*, do *torrent*, do *rmvb* legendado e do YouTube talvez não conheça a emoção por trás da descoberta de um filme que pensávamos perdido. A espera de anos para saciar a curiosidade de se conhecer uma pérola obscura. Mas não faz mal. O prazer da descoberta desses filmes reside neles mesmos. Filmes que não estão mais perdidos e que continuam vivos e pulsantes, poderosos, eternos.

CARLOS PRIMATI



VINCENT PRICE EM "THE FALL OF THE HOUSE OF USHER" (1960)

booi

INTRODUÇÃO

Em seu livro *A história social do jazz* (*The jazz scene* - 1958), Eric Hobsbawn afirma que “a história das artes não é uma única história, mas, em cada país, pelo menos duas: aquela das artes enquanto praticadas e usufruídas pela minoria rica, desocupada ou educada, e aquela das artes praticadas ou usufruídas pela massa de pessoas comuns”. No Cinema, o que Hobsbawn chamou de “história das artes oficiais” certamente pertence ao grande cinema de Hollywood, recheado de nomes como Alfred Hitchcock, Frank Kapra ou John Ford, além de abranger figuras internacionais como Federico Fellini e Akira Kurosawa. Porém, enquanto o público mais abastado frequentava as respeitáveis salas de exibição do circuito convencional, qual era o cinema usufruído pela massa? O circuito alternativo, composto por cinemas estilo *drive-In* (aqueles em que as telas ficavam a céu aberto e os espectadores assistiam aos filmes dentro de seus carros) e por salas suburbanas, que recebia este público, exibia “Filmes B”, ou “B Movies”, como são chamados no país que cunhou o termo. Mas o que seriam estes “Filmes B”?

Nas décadas de 1920 e 1930, período de ascensão dos estúdios americanos, nasceu o hábito de promover sessões duplas nas salas de cinema (as notórias “double features”). A atração principal era o filme mais caro, com atores conhecidos e produção bem cuidada. A sessão se completava com a exibição de uma obra menor, mais barata, na maioria das vezes realizada com o dinheiro que restava da produção principal. Os filmes complementares destas sessões foram os primeiros a serem chamados de “Filmes B” e as salas de cinema, atreladas aos estúdios, eram obrigadas a comprar o pacote completo para exibição. No início dos anos 1950, a Suprema Corte dos Estados Unidos proibiu este sistema, alegando que a corrente entre estúdios e salas de exibição era anticompetitiva e tinha características de monopólio. Este fato histórico, que acabou com o método de distribuição da velha Hollywood, e a concorrência com a televisão, levaram a prática de produzir filmes com a finalidade de completar as sessões ao desuso, e o termo “Filme B” acabou ganhando novo significado.

A famosa decisão da Suprema Corte americana possibilitou o surgimento dos pequenos estúdios e dos produtores independentes, assim como as salas passaram a exibir atrações estrangeiras e filmes de arte. No cenário comercial que surgia, cresceram as opções para o público, que acabou dividido de forma social. As principais salas de cinema continuaram sob o domínio de Hollywood, enquanto um gigantesco mercado nascia nos subúrbios e cidades do interior. A demanda para este novo mercado exigia filmes mais baratos, curtos e de forte apelo comercial. Nascia a nova era dos “Filmes B”. A era de Roger Corman, Russ Meyer, William Castle, Herschell Gordon Lewis e tantos outros personagens emblemáticos que abriram caminhos, quebraram tabus e tornaram-se mitos.

Horror e Ficção Científica foram os gêneros preferidos da nova vertente. O mercado precisava vender emoções fortes, e violência e sexualidade eram temas de imenso apelo para um público pouco acostumado a vê-los abordados no cinema. A censura americana, representada pelo famigerado “Código Hays” (1930-1968), praticamente não atingia estes filmes, enquanto a mera sugestão de erotismo em uma produção de Hollywood causava enorme polêmica.


Em meados da década de 1950, o mercado B se encontrava em franco crescimento. A popularidade dos *drive-ins* foi essencial para este sucesso. Em 1945, existiam 96 cinemas deste tipo nos Estados Unidos. Cerca de dez anos mais tarde o número era de 3.700. O ano de 1956 marcou o nascimento da American International Pictures (AIP), fundada por James H. Nicholson e Samuel Z. Arkoff. Em pouco tempo a AIP se estabeleceu como a maior produtora de filmes B na América. Boa parte disso se deve ao gênio de Roger Corman, o homem que, de acordo com o título de sua autobiografia, fez “cem filmes e nunca perdeu um tostão”. Corman, sempre atento aos temas mais atuais e atrativos, construiu uma carreira de êxitos comerciais e artísticos, mostrando esmero em projetos mais pessoais e pura apelação em outros. Além disso, muitas de suas produções viabilizaram o início da carreira cinematográfica de gente como Francis Ford Coppola, Martin Scorsese, Jonathan Demme, Robert De Niro, Peter Fonda e Jack Nicholson.

Do outro lado do Atlântico, na Inglaterra, a produtora Hammer Films começou uma nova revolução em 1957. O lendário estúdio britânico, que mais tarde ficou conhecido como “A Casa do Horror”, revitalizou os monstros sagrados do cinema como Drácula e Frankenstein com obras ousadas e cheias do tradicional requinte inglês. Das produções realizadas pela Hammer surgiram mitos como a dupla de atores Christopher Lee e Peter Cushing, além do brilhante cineasta Terence Fisher. Ao longo da década de 1960 e do início dos anos 1970, o Horror da Hammer foi presença obrigatória no circuito B.

O fim dos anos 1950 também testemunhou o crescimento do cinema popular italiano, que atingiu seu auge na década seguinte. Vários ciclos de diferentes gêneros floresceram na terra da Cinecittá. Os épicos de *Sandália e Espada* conhecidos como *Peplum*, o *Spaghetti Western*, o terror gótico, o Giallo e tantos outros estilos tiveram seu impacto nos corações das plateias ao redor do mundo. Mario Bava, Dario Argento, Sergio Martino, Enzo G. Castellari... Fantásticos criadores de mundos povoados pela fantasia, pelo mistério e pela violência. Não muito longe dali, Paul Naschy com seu *Hombre Lobo*, Amando de Ossorio com seus Cavaleiros Templários e Jess Franco com seus delírios sadomasoquistas, afrontavam a ditadura militar na Espanha.

É na produção B durante as décadas de 1960 e 1970 destes quatro países, Estados Unidos, Inglaterra, Itália e Espanha, que o *Cemitério perdido dos Filmes B* irá se concentrar. Esta foi a era de ouro do *Exploitation*, como são conhecidos os filmes que exploravam temas controversos de forma sensacionalista. No decorrer das páginas, o leitor encontrará informações e críticas de cento e trinta dos mais representativos exemplos deste modo de se fazer Cinema. Sempre abordando estas obras com admiração e de maneira respeitosa, contudo, sem esquecer a diversão. Algumas das fantásticas histórias contidas aqui com certeza provocarão risos, enquanto outras emocionarão com suas amostras de heroísmo artístico.

Foi um longo e tortuoso caminho percorrido pelos obscuros personagens B até o reconhecimento atual. Por décadas, toda esta filmografia foi descartada por críticos e estudiosos, rechaçada e desprezada como material sem valor intelectual ou artístico. O tempo, este sim o maior dos críticos, responsabilizou-se de corrigir a injustiça. As primeiras homenagens vieram do próprio cinema “classe A” no trabalho de gente como John Carpenter, de *O enigma do outro mundo* (*The thing* - 1982), e Joe Dante, de *Gremlins* (1984). Até mesmo Michael Jackson entrou no clima com o clipe de *Thriller* (1982), dirigido por John Landis, que paga um belo tributo



à *A noite dos mortos-vivos* (*Night of the living dead* - 1968), sem falar na antológica narração do mestre Vincent Price. Em tempos mais recentes, cineastas de enorme popularidade como Quentin Tarantino, Robert Rodríguez e Tim Burton basearam suas criações na estética do cinema B de forma assumida, apresentando este mundo para as novas gerações.

A internet desempenhou um importante papel no processo de redescoberta dos Filmes B que está em andamento. A facilidade na transmissão de conhecimento e a disponibilização de obras para *download* foram cruciais para o surgimento deste fenômeno. Hoje, o público consumidor de Filmes B é jovem e educado. Pessoas cansadas do domínio das grandes produções e que celebram o cinema criativo e de baixo orçamento em fóruns, blogs e sites. Foi justamente em um blog, o *B Movie Box Car Blues*, que surgiu a ideia para este livro.

Na rede desde Setembro de 2007, o *B Movie Box Car Blues* mergulha no lado obscuro do cinema em busca de tesouros perdidos da sétima arte. Além de reverenciar os nomes já consagrados do universo B. Alguns dos textos apresentados aqui já apareceram no blog, mas foram revisados e ampliados para esta edição, contendo muito mais informação e entretenimento. Ao final de cada texto, o leitor encontrará dados sobre a disponibilidade no Brasil de cada filme analisado.

Agora chegou a sua vez de fazer este mergulho prazeroso e enriquecedor. Seu modo de encarar o cinema e as pessoas responsáveis por ele nunca mais será o mesmo. Dispa-se dos preconceitos impostos pela mídia, abra sua mente e prepare-se para uma jornada através de um mundo surpreendente, onde tudo pode acontecer!

César Almeida

ZUMBI BRANCO

(EUA - 1932, P&B, 67 minutos)

WHITE ZOMBIE

Diretor: Victor Halperin

Roteiro: Garnett Weston

Com: Bela Lugosi, Madge Bellamy, Joseph Cawthorn, Robert Frazer, John Harron, Brandon Hurst, George Burr Macannan

Durante as primeiras décadas do Século XX, o mundo assistiu maravilhado à ascensão da indústria cinematográfica. Desde o princípio, o cinema de Horror esteve presente nas telas. Foi o movimento conhecido como Expressionismo Alemão que ofereceu à Sétima Arte as primeiras obras-primas do gênero. Porém, foi na década de 1930 que o Horror começou a atrair gigantescas plateias graças à Universal Pictures e películas como *Drácula*, dirigida por Tod Browning em 1931 e *Frankenstein*, de James Whale, realizado no mesmo ano. Muito em breve, a Universal, um dos maiores estúdios americanos, dominaria o estilo com suas magníficas produções. Isto não significa que companhias menores não pudessem contribuir para esta arte. Em inúmeros casos, elas ofereciam maior liberdade criativa para os profissionais do ramo.

O enorme sucesso do *Drácula* de Browning deu origem a um dos grandes mitos do cinema, Bela Lugosi, um ator húngaro de porte elegante e expressões sinistras que se transformou em astro requisitado devido ao seu papel como o conde vampiro. Com futuro garantido na Universal, Lugosi surpreendeu a todos ao assinar contrato com os irmãos Edward e Victor Halperin, pequenos produtores de filmes mudos. Diversos críticos apontam a constante preferência de Lugosi por intercalar trabalhos em companhias independentes com as participações em produções dos principais estúdios como a causa da diminuição de seu prestígio através dos anos. Entretanto, não fosse esta preferência, não haveria *White zombie*, inquestionável marco dos primeiros anos do Horror, resultado da parceria de Bela Lugosi com os irmãos Halperin.

White zombie conta a história de dois jovens prestes a se casar, Neil Parker (John Harron) e Madeleine Short (Madge Bellamy), que estão em viagem pelo Haiti. No barco que os leva até as ilhas, eles fazem amizade com Charles Beaumont (Robert Frazer), abastado proprietário de plantações de cana. Beaumont os convida para realizarem o casamento em sua mansão. As verdadeiras intenções deste homem não são nem um pouco nobres, pois ele está interessado na bela Madeleine e planeja separá-la de Neil. Para colocar seu plano em prática, Beaumont pede ajuda a Murder Legendre (Bela Lugosi), mestre vodu local que comanda um exército de zumbis escravos. A ideia é transformar Madeleine em um zumbi, para revivê-la no momento em que Neil voltasse para os Estados Unidos. Na cerimônia de casamento, Legendre realiza seu feitiço e a jovem morre.

Neil não aceita a morte da amada e permanece na ilha. Certa noite, ele vai até o cemitério e testemunha o roubo do pretense cadáver de sua esposa por Legendre e seus zumbis. Sem saber o que fazer, ele busca ajuda do missionário Dr. Bruner (Joseph Cawthorn). Juntos, saem em busca de Madeleine, que é mantida prisioneira no castelo de Legendre após este trair Beaumont e ficar com a mulher para si.



MADGE BELLAMY EM "WHITE ZOMBIE" (1932)
CORTESIA DE "THE AMERICAN FILM INSTITUTE"

HP.31.2-146



Apoiado por impressionante trabalho de fotografia e uso inventivo da câmera, o filme de Halperin se destaca entre os maiores produtos da época. Os cenários de segunda mão (comprados da Universal) e os atores pouco conhecidos foram obstáculos superados com muita engenhosidade. Halperin cria uma atmosfera onírica envolvente através de truques simples como na cena em que o olhar maligno de Lugosi é sobreposto ao casal viajando na carruagem. Segundo Bela Lugosi Jr., seu pai teria dirigido boa parte de *White zombie* após suposto abandono do set por parte de Victor Halperin.

Esta brilhante obra de Horror é notável ainda por outros fatores, incluindo a participação do lendário maquiador Jack Pierce na criação dos zumbis. Ao contrário de filmes anteriores como *Drácula* e *Frankenstein*, *White zombie* possui trilha sonora completa, e não apenas durante a abertura e créditos finais.

Disputas entre produtores e distribuidores quase levaram *White zombie* ao esquecimento. Durante quase duas décadas, o filme foi considerado perdido até reaparecer no início dos anos 1960, quando foi alvo de nova batalha judicial. Logo, *White zombie* nunca mais deixou as vidas dos amantes de Horror e permanece um clássico irrefutável, além de ter se tornado inspiração para futuras produtoras independentes e de ter inaugurado o subgênero “zumbi” no cinema. Disponível em VHS no Brasil como *Zumbi branco*. Pode ser baixado da internet de forma legal e gratuita devido ao seu status de domínio público.

WITH THESE ZOMBIE EYES
he rendered her powerless



WHITE ZOMBIE



WITH THIS ZOMBIE GRIP
he made her perform his every desire!

A MORTA-VIVA

(EUA - 1943, P&B, 69 minutos)

I WALKED WITH A ZOMBIE

Diretor: Jacques Tourneur

Roteiro: Inez Wallace, Curt Siodmak, Ardel Wray

Com: James Ellison, Frances Dee, Tom Conway, Edith Barrett, James Bell, Christine Gordon, Theresa Harris, Sir Lancelot, Darby Jones

Enquanto os filmes de Horror da Universal Studios tinham grandes orçamentos e astros de renome em seus elencos, o produtor Val Lewton dispunha de poucos recursos à frente da divisão de Horror na lendária RKO. Sem poder competir em termos financeiros com aquela *major* hollywoodiana, os filmes produzidos por Lewton investiam nos roteiros, atuações e no clima de mistério. Ao lado do genial diretor Jacques Tourneur, Lewton criou obras primas como *Sangue de pantera* (*Cat peolpe* - 1942) e *A morta-viva* (*I walked with a zombie* - 1943), talvez o mais belo filme de Horror da história do Cinema.

A trama acompanha a jornada de uma enfermeira canadense, Betsy (Frances Dee), até a América Central, onde ela vai cuidar da esposa do rico fazendeiro Paul Holland (Tom Conway). Após uma febre misteriosa, a mulher havia entrado em um excepcional estado letárgico e por isso precisa de cuidados especiais. Em seguida, Betsy (impressionada com as superstições locais) começa a investigar a possível ligação entre a situação de sua paciente com os rituais religiosos da ilha. A verdade por trás da estranha doença está mais próxima do que ela imagina, pois os segredos obscuros da família de Holland são a chave para o enigma.

Escrito pelo lendário Curt Siodmak, *A morta-viva* foi inspirado em um artigo homônimo sobre vodu no Haiti publicado na revista *American Weekly*. Outra fonte de inspiração foi o livro *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, uma sugestão do próprio Lewton. Os ótimos diálogos do roteiro são defendidos pelo elenco eficiente, em especial Frances Dee, que dá à enfermeira Betsy credibilidade em sua bravura (algo pouco comum para as personagens femininas da época).

Boa parte do poder de *A morta-viva* reside nas fantásticas composições visuais de Jacques Tourneur. Suas imagens são deliciosamente macabras em alguns momentos e bastante poéticas em outros. O grande destaque fica para a sequência em que Betsy e sua paciente atravessam uma grande plantação à noite, enquanto os tambores distantes do vodu dominam a arrepiante trilha sonora. Uma cena de tirar o fôlego, ainda impressionante, mesmo depois de setenta anos de sua realização.

Jacques Tourneur foi um excelente diretor de cinema, exímio criador de climas fantasmagóricos e especialistas nos jogos de sombra. Infelizmente é pouco lembrado nos dias de hoje, apesar de seus clássicos indiscutíveis. Sem dúvida, sua obra merece ser conhecida e estudada.

A morta-viva está disponível em DVD no Brasil.



I WALKED WITH A ZOMBIE

with
JAMES ELLISON • FRANCES DEE • TOM CONWAY

Produced by
VAL LEWTON

Directed by
JACQUES TOURNEUR

SCREEN PLAY BY CURT SIODMAK & ARDEL WRAY
BASED ON AN ORIGINAL STORY BY INEZ WALLACE



O TÚMULO VAZIO

(EUA - 1945, P&B, 77 minutos)

THE BODY SNATCHER

Direção: Robert Wise

Roteiro: Philip MacDonald, Val Lewton

Com: Boris Karloff, Henry Daniell, Russell Wade, Bela Lugosi

Inspirado no caso real dos assassinos Burke e Hare, que entre 1827 e 1828 mataram cerca de dezessete pessoas e venderam os corpos para certo Dr. Knox usar em aulas de anatomia, Robert Louis Stevenson escreveu o brilhante conto *O ladrão de cadáveres*. Embora menos conhecido que seus clássicos *O médico e o monstro* e *A ilha do tesouro*, *O ladrão de cadáveres* também teve sua versão para o cinema, realizada em 1945 pelo lendário produtor Val Lewton. Este filme fez parte da antológica série de Horror produzida por Lewton para a RKO. A direção ficou a cargo de Robert Wise, ainda em começo de carreira, que contou com Boris Karloff como protagonista em atuação iluminada.

Edimburgo, 1831. O celebrado cirurgião Dr. Wolfe MacFarlane (Henry Daniell) requisita o jovem estudante de medicina Donald Fettes (Russell Wade) como ajudante. Entre as atribuições do cargo de Fettes está o recebimento de cadáveres para dissecação. O fornecedor de corpos é o sinistro John Gray (Boris Karloff), um cocheiro e ladrão de túmulos. Gray sabe de segredos comprometedores do passado do Dr. MacFarlane. Este fato faz com que ele não hesite em assassinar pessoas para obter os corpos, sabendo que o doutor nunca o denunciará. MacFarlane, cada vez mais acuado, começa uma guerra psicológica com Gray, colocando o jovem Fettes em um jogo perigoso.

A belíssima fotografia em Preto & Branco e a ambientação sombria fazem de *O túmulo vazio* um deleite para os olhos. Wise conduz a narrativa de forma lenta, com a trama (e o suspense) se desenvolvendo aos poucos. Algumas cenas se destacam, como a sequência em que Gray mata o cão que guardava um túmulo e a corrida da carruagem em meio a uma tempestade na parte final do filme. O uso das sombras em certas cenas lembra o Expressionismo Alemão.

Todas estas qualidades já seriam suficientes para classificar *O túmulo vazio* como um filme excelente. A produção ganha ainda mais classe com a brilhante interpretação de Boris Karloff, talvez a melhor de sua longa carreira. John Gray, apesar da ganância e da vilania, desperta uma grande simpatia do espectador, que acaba escolhendo-o como preferido no confronto contra o arrogante Dr. MacFarlane.

Henry Daniell também está em grande momento como o detestável médico, quiçá o verdadeiro vilão da trama. Uma participação muito especial de Bela Lugosi fecha com chave de ouro os destaques do elenco. Esta foi a última vez que ele e Karloff atuaram juntos, e o duelo dos dois em cena é memorável.

O túmulo vazio, excelente parceria entre Wise e Lewton (que já havia rendido *The curse of the cat people* em 1944), é uma das melhores produções da era de ouro da RKO. Boa oportunidade para conferir os gigantes do Horror Karloff e Lugosi em ação. Disponível no Brasil em DVD.

BORIS KARLOFF EM "THE BODY SNATCHER" (1945)

COPYRIGHT © COURTESY ANNEX



O MONSTRO DO ÁRTICO / O ENIGMA DO OUTRO MUNDO

(EUA - 1951, P&B, 87 minutos)

THE THING FROM ANOTHER WORLD

Diretor: Christian Nyby, Howard Hawks

Roteiro: Charles Lederer, Howard Hawks, Ben Hecht

Com: Margaret Sheridan, Kenneth Tobey, Robert Cornthwaite, Douglas Spencer, James R. Young, Dewey Martin, Robert Nichols, William Self, Eduard Franz, Sally Creighton, James Arness

“Vigie os céus!” Depois desta frase, dita ao fim de *The thing from another world*, o mundo do Horror jamais seria o mesmo. Em 1951, nosso pequeno planeta vivia sob a tensão da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética. A paranoia anticomunista deflagrada pelo senador McCarthy deixava o cenário mundial ainda mais convulsivo. Aproveitando o clima sombrio, o lendário diretor Howard Hawks produziu uma livre adaptação da novela de John W. Cambell *Who goes there?*, que contava a história da luta entre uma equipe de pesquisadores e uma criatura do espaço. Hawks transformou a ameaça comunista, representada pelo invasor intergaláctico, em combustível para os medos do público.

O roteiro de Charles Lederer, com as participações não creditadas de Hawks e Ben Hecht, altera de maneira drástica a história de Campbell, em especial no que se refere à natureza do alienígena, uma criatura que imita outras formas de vida na novela, e um ser de características vegetais no filme. Mas a trama central continua a mesma: em uma base isolada pela neve, militares e cientistas investigam a queda de um objeto voador não identificado. Ao encontrar o local do acidente, eles descobrem um disco voador enterrado no gelo. A nave é perdida em uma explosão provocada para derreter a camada de gelo que a cobria. Porém, uma criatura é encontrada e levada para a base. Uma falha da equipe faz com que o monstro seja descongelado, o que espalha terror pelo acampamento. O capitão Patrick Hendry (Kenneth Tobey), líder dos militares, só pensa em destruir o alienígena enquanto o Dr. Carrington (Robert Cornthwaite), chefe dos cientistas, quer estudá-lo a qualquer custo. Mesmo que isso traga enorme perigo à raça humana.

Christian Nyby foi creditado como diretor, embora ele mesmo reconheça que Howard Hawks tenha sido o principal responsável por *The thing from another world*. Talvez por preconceito ou simples camaradagem com Nyby, Hawks não quis ter um filme de monstros em seu currículo. Porém, seu estilo inconfundível pode ser notado nos diálogos rápidos e na situação que coloca um grupo de homens frente a uma ameaça maligna. Por outro lado, James Arness, intérprete do monstro e mais tarde astro da longa série de TV *Gunsmoke*, afirma que, apesar da presença constante de Hawks no set, o filme teria sido dirigido por Christian Nyby. Uma controvérsia que está longe de ser resolvida.

Créditos à parte, a verdade é que *The thing from another world* foi realizado de forma brilhante. Da antológica abertura, recriada com fidelidade no *remake* de 1982, até os minutos finais, o espectador é apresentado com uma ótima atmosfera de suspense, diálogos primorosos e boas atuações do elenco. Cenas inesquecíveis como a descoberta da nave no gelo e a sequência em que os heróis tentam incendiar a criatura são alguns dos grandes momentos do cinema de Horror de todos os tempos.



O conflito entre ciência e militarismo está presente, ainda pouco favorável aos cientistas, retratados como pessoas frias e cruéis enquanto os soldados são heroicos e humanos. Este pequeno ponto negativo é decorrente de uma época em que os avanços da ciência ainda eram vistos com desconfiança por grande parte da população.

John Carpenter, grande fã da obra de Hawks/Nyby, usou algumas cenas de *The thing from another world* em *Halloween* (1978) e, poucos anos mais tarde, dirigiu o excelente *remake* intitulado apenas *The thing* (*O enigma de outro mundo* - 1982). A versão de Carpenter é muito mais fiel à novela de John W. Campbell, restaurando o alienígena ao seu status mutante original.

Passados tantos anos, *The thing from another world* continua um adorado clássico da Ficção Científica e do Terror. Depois dele, dezenas de invasões alienígenas apareceram nas telas de cinema e os monstros do espaço tornaram-se mais populares. O fim da Guerra Fria enfraqueceu um pouco o gênero, mas como os bons monstros nunca morrem, eles marcam presença na imaginação dos cineastas. Lançado nos cinemas brasileiros e na TV como *O monstro do Ártico*. Recebeu há pouco uma versão em DVD com o título enganoso *O enigma do outro mundo* para confundir os consumidores.

A MALDIÇÃO DE FRANKENSTEIN

(Inglaterra - 1957, Cor, 82 minutos)

THE CURSE OF FRANKENSTEIN

Diretor: Terence Fisher

Roteiro: Jimmy Sangster

Com: Peter Cushing, Hazel Court, Robert Urquhart, Christopher Lee, Melvyn Hayes, Valerie Gaunt, Paul Hardtmuth

Hammer Films é sinônimo de Horror. Todavia, o estúdio britânico já contava com mais de vinte anos de existência quando explorou pela primeira vez esse gênero. O ano era 1957, e, percebendo o interesse do público por temas misteriosos após o sucesso da série *Quatermass*, os produtores Michael Carreras e Anthony Hinds tentaram um passo ousado. A ideia era trazer de volta às telas o clássico monstro criado por Mary Shelley em seu imortal livro *Frankenstein*. A criatura rendera à Universal Pictures grandes êxitos de bilheteria nas décadas de 1930 e 1940, mas o estilo gótico daquelas produções já era considerado morto. Quais seriam então os artifícios usados por Carreras e Hinds para conseguir de volta a atenção do público para este personagem? Em primeiro lugar, o uso da cor. Em segundo, a violência gráfica aliada a um toque de erotismo. O resultado, *A maldição de Frankenstein*, tornou-se um marco na história do Cinema, associando o nome da Hammer ao Horror até os dias de hoje. A afinidade entre o estúdio e o gênero foi bem sucedida a ponto de dar origem à expressão “Hammer Horror”, que definiu o estilo inaugurado por eles, imitado sem trégua nos anos seguintes.

Uma equipe exemplar foi reunida para este projeto: quase todos os envolvidos são hoje verdadeiras lendas cinematográficas. O genial (e ainda bastante subestimado) Terence Fisher foi responsável pela direção. Jimmy Sangster escreveu o polêmico roteiro (que encontrou problemas com a censura britânica). James Bernard criou a sombria trilha sonora e o grande Jack Asher foi responsável pela brilhante fotografia colorida. A escolha dos atores foi o toque final para a fórmula de sucesso: Peter Cushing e Christopher Lee fizeram história como criador e criatura, uma das duplas de atores mais amadas de todos os tempos. Ao lado deles, a bela Hazel Court e o sóbrio Robert Urquhart completavam o excepcional elenco.

Terence Fisher e Jimmy Sangster renovaram a história de Mary Shelley, transformando o cientista em monstro e o monstro em vítima. A trama segue do seguinte modo: um padre viaja até uma assustadora prisão para conceder os últimos ritos a um condenado à morte. O prisioneiro é ninguém mais, ninguém menos do que o Barão Victor Frankenstein (Peter Cushing). Ele pede ao padre que ouça sua história antes da execução. Assim, o Barão narra sua vida desde a juventude, passando pela morte dos pais e pela amizade com seu tutor, Paul Krempe (Robert Urquhart), com o qual desenvolveu sua obsessão científica. Já adulto, o Barão Frankenstein descobre uma forma de enganar a morte a partir do uso de eletricidade. Maravilhado com a descoberta, ele decide criar um novo ser, confeccionando um homem usando pedaços de vários cadáveres. Paul é contrário ao experimento macabro e teme pela sanidade de seu amigo. A situação se agrava com a chegada de Elizabeth (Hazel Court), a noiva do Barão, por quem Paul se apaixonou.

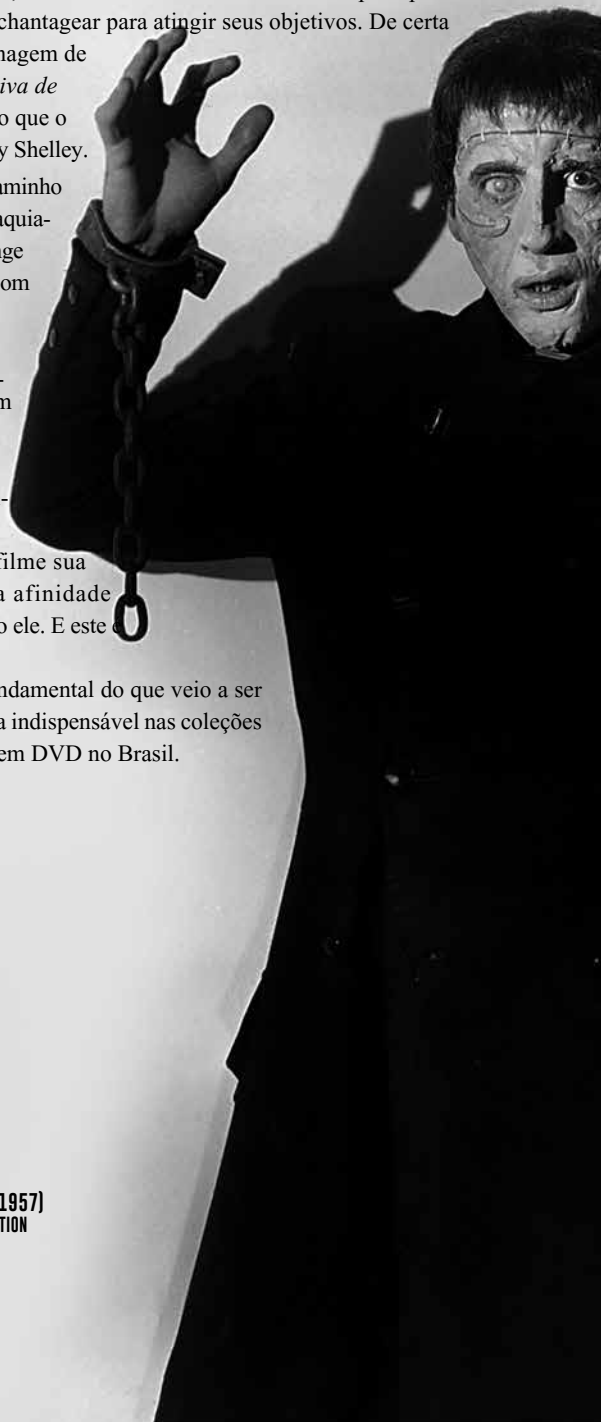
Com a segurança de Elizabeth em risco, Paul tenta impedir Frankenstein, mas este tem sucesso em sua experiência e concebe uma criatura monstruosa (Christopher Lee).

Peter Cushing interpreta com perfeição o maligno doutor. Ao contrário da figura trágica do livro e das versões anteriores para o Cinema, seu Frankenstein é um verdadeiro psicopata que não se importa nem um pouco em matar e chantagear para atingir seus objetivos. De certa forma, ele lembra mais o Dr. Pretorious, personagem de Ernest Thesiger no filme de James Whale *A noiva de Frankenstein* (*Bride of Frankenstein* - 1935) do que o próprio Victor Frankenstein imaginado por Mary Shelley.

Como o monstro, Christopher Lee abriu caminho para uma carreira de estrelato. Usando pesada maquiagem, ele foi capaz de reinventar a personagem, longe da sombra da histórica atuação de Boris Karloff. Com todos estes fatores positivos, *A maldição de Frankenstein* conquistou o mundo. Seu sucesso arrebatador influenciou a Hammer Films a revisar vários monstros clássicos, revitalizando assim o Horror Gótico e gerando seguidores como Roger Corman e Mario Bava.

Terence Fisher teve a oportunidade de desenvolver uma série de filmes com o Barão Frankenstein (cinco ao todo) demonstrando de filme para filme sua visão ímpar. Nenhum outro diretor teve tanta afinidade com o prometeísmo de Frankenstein quanto ele. E este é apenas o começo de sua trajetória.

A maldição de Frankenstein é a pedra fundamental do que veio a ser reconhecido como "A casa do Horror". Esta obra indispensável nas coleções de qualquer amante do Cinema está disponível em DVD no Brasil.



CHRISTOPHER LEE EM "THE CURSE OF FRANKENSTEIN" (1957)
COPYRIGHT © COURTESY EVERETT COLLECTION / EVERETT COLLECTION

**FIM DO ARQUIVO DE
DEGUSTAÇÃO**

**ADQUIRA COM DESCONTO
NA LOJA OFICIAL
DA EDITORA ESTRONHO**
www.lojaestronho.com.br

OU VEJA OUTROS PONTOS DE VENDA EM
www.estronho.com.br/blog

 [estronhobook](#)
 [estronho](#)
 [estronho](#)
 [estronho.com.br](http://www.estronho.com.br)


EDITORA
ESTRONHO